

## **Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual**

**Paulo Motta Marques**

Psicólogo Clínico. Grupanalista. Membro Didacta da Sociedade Portuguesa de Grupanalise

paulo.motta.m@portugalmail.pt

**Nuno Torres.**

Psicólogo Clínico. Docente e investigador no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Nmtorr2@googlemail.com

### **RESUMO**

Este artigo insere-se numa investigação que o primeiro autor se encontra a efectuar no âmbito do seu doutoramento em Psicologia Clínica. Trata-se de uma investigação conceptual acerca do conceito de *matriz grupanalítica*, utilizado na designada Escola Portuguesa de Grupanalise, fazendo-se, numa perspectiva crítica e evolutiva, alusão a várias conceptualizações similares, nomeadamente ao conceito de *matriz de grupo* em Foulkes e de *matriz protomental* de grupo em Bion. São apresentadas as linhas gerais da investigação conceptual e uma revisão sistemática do conceito de *matriz de grupo* e *matriz grupanalítica*, assim como alguns dados conclusivos preliminares desta revisão.

**Palavras-chave:** Matriz Grupanalítica, Matriz de Grupo, Grupanalise, Investigação Conceptual, Revisão Sistemática

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

### Introdução

Ao longo do tempo e no contexto da interação grupal, diferentes autores têm abordado o conceito de *matriz* com similaridades mas também com diferenças, introduzindo novos aspectos nas suas conceptualizações. Este conceito é usualmente considerado como central na dinâmica e análise de grupo. Ferreira (1992) reforçou a ideia de que do estudo da matriz decorrerá sempre a compreensão do processo grupanalítico, e que esta constituirá sempre a entidade grupanalítica por excelência. Dinis (2000) preconiza que este é um conceito nuclear na teoria e técnica grupanalítica.

No presente artigo é feita uma revisão da literatura sobre os conceitos de matriz, tendo como foco principal o conceito de *matriz grupanalítica* desenvolvido por Eduardo Luís Cortesão, abordando raízes históricas e contextuais do mesmo, aplicabilidade e impacto ao nível clínico, assim como a sua diferenciação de outros conceitos similares, entre os quais os conceitos de *matriz de grupo* de Foulkes, e de *matriz protomental* de grupo em Bion.

Conforme refere Sara Ferro (2010) a Escola Portuguesa de Grupanalise, que tem raízes em Foulkes, vai-se diferenciar deste e dos seus seguidores através dos trabalhos de Cortesão que desenvolve a teorização de Foulkes, nomeadamente ao abordar e definir em maior profundidade a noção de *matriz*, e também introduzindo novas conceptualizações como são os conceitos de *padrão* e de *equilíbrio estético*.

Na Escola Portuguesa de Grupanalise a *matriz grupanalítica* considera-se usualmente um conceito central da teoria e técnica grupanalítica, tendo origens comuns e proximidade teórico-clínica com outros conceitos, mas possivelmente

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

nem sempre definido e utilizado de uma forma clara e homogénea, com potenciais repercussões ao nível teórico e clínico.

No presente trabalho, pretende-se adaptar os pressupostos e métodos sistemáticos de investigação conceptual em psicanálise, preconizados por Sandler et al (1991), Dreher (2000), Leuzinger-Bohleber & Fischmann (2006) e Hinshelwood (2008), à investigação conceptual em grupanalise.

A investigação conceptual sobre o conceito de *matriz grupanalítica*, da qual este artigo constitui uma primeira parte, apresenta-se como uma abordagem original e de interesse para a teoria e prática clínica nesta área, podendo contribuir assim para o desenvolvimento teórico e técnico da grupanalise.

### **Investigação conceptual**

Conforme refere Dreher (2007), a investigação conceptual define-se pelo seu objecto: o uso de conceitos, e pelo seu objectivo que é o esclarecimento do sentido dos conceitos.

Considera-se que existe uma relação dialéctica, ou uma interdependência, entre o conceito e os dados clínicos, ou seja, os conceitos são entendidos como partes do sistema teórico-clínico, como unidades básicas de análise e de compreensão das teorias que guiam a prática clínica, isto é, a sua validade e utilidade necessitam de ser confirmadas na prática clínica (Dreher, 2007; Hinshelwood, 2008). Sandler et al (1991) preconizam que a situação analítica é o contexto em que surgem os conceitos e onde o seu sentido se pode

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

alterar, inicialmente, de forma silenciosa e implícita<sup>1</sup>. A investigação conceptual debruça-se sobre determinado fenómeno teórico-clínico, neste caso o uso do conceito de *matriz grupanalítica*, tendo também em consideração que este não existe de forma isolada mas em conexão com outros conceitos, e que os analistas o podem usar de forma diferente e individual (e aqui é de relevar os aspectos implícitos do uso do conceito).

Segundo Dreher (2000) e Leuzinger-Bohleber & Fischmann (2006) a investigação conceptual não tem um procedimento padronizado, não se caracteriza por um método particular, mas sim por todo um programa de investigação sobre um determinado tópico ou tema, e neste sentido, ela é sempre multimetodológica. A investigação conceptual pode ser dividida em duas áreas de investigação diferenciadas mas complementares (Hinshelwood, 2008): 1- investigação do campo semântico e do sentido hermenêutico de um determinado conceito, 2 – a investigação empírica clínica, sobre o uso que os analistas dão aos conceitos na sua prática psicoterapêutica.

Cada uma destas duas áreas caracteriza-se por métodos e objectivos específicos. A área de investigação do campo semântico utiliza normalmente como métodos uma revisão sistemática de literatura e pesquisas históricas e biográficas sobre os autores e sua obra, tendo como objectivos específicos 1) Examinar se os conceitos são logicamente e epistemologicamente consistentes em si mesmos e com os outros elementos teóricos, 2) Examinar o uso dos

---

1 O presente artigo é a primeira parte de uma investigação que irá implicar a análise do conceito de matriz grupanalítica, na sua construção, evolução, e no modo como os grupanalistas o integram na sua experiência clínica de uma forma sistemática, abordando os aspectos explícitos e implícitos do uso do mesmo. Pretender-se-á posteriormente compreender como é que este conceito de matriz grupanalítica é definido e utilizado de uma forma explícita e implícita por uma amostra seleccionada de grupanalistas portugueses e, neste sentido, serão efectuadas entrevistas aos mesmos que serão analisadas em profundidade. Esta investigação mais alargada ainda se encontra em fase de recolha e análise de dados.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

conceitos em determinados campos e contextos conceptuais diferentes (diferentes escolas, diferentes intervenções clínicas, etc.), 3) Examinar o contexto histórico - epistemológico da origem dos conceitos e determinar as suas mudanças na literatura ao longo do tempo. Por seu lado a área de investigação conceptual empírico-clínica utiliza normalmente como métodos entrevistas em profundidade a clínicos e teóricos especialistas na área (experts), e grupos de trabalho de discussão das entrevistas, tendo como objectivos específicos 1) uma discussão crítica dos usos do conceito, 2) uma formulação dos diferentes domínios e usos do conceito, 3) identificar as assunções implícitas do conceito e as mini-teorias privadas que os clínicos desenvolvem com o decorrer da sua experiência clínica; estas estão dentro da “elasticidade” no espaço da definição do conceito e da conceptualização implícita do analista (Sandler, 1983; Sandler, Dreher & Drews, 1991) e normalmente não são publicadas oficialmente mas podem representar avanços significativos na teoria e prática clínica (Sandler, 1983; Dreher, 2000; Leuzinger-Bohleber & Fischmann, 2006).

### **O problema de investigação**

Os conceitos de *matriz de grupo* e de *matriz grupanalítica*, que são abordados neste artigo, constituem conceitos centrais e específicos da intervenção em grupo, nomeadamente no grupo analítico. Entre os conceitos de *matriz de grupo* e de *matriz grupanalítica*, assim como em outras conceptualizações próximas ou similares, existem diferenças conceptuais que se repercutem ao nível das dificuldades de comunicação e da procura de algum consenso na comunidade científica internacional mas também em possíveis abordagens no seio dos grupanalistas portugueses.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

Estas diferenças nem sempre poderão ser claras, criando possíveis equívocos e dificultando uma percepção mais clara dos mesmos. Também na literatura existente sobre esta temática parece haver pouca investigação sobre o impacto destes conceitos ao nível da clínica.

O conceito de *matriz grupanalítica* disseminado por Cortesão (1989) no seu livro “Grupanalise: Teoria e Técnica”, seguido e assimilado pela Escola Portuguesa de Grupanalise, é definido do seguinte modo:

*“A matriz grupanalítica é a rede específica de comunicação, relação e elaboração, a qual, pela integração do padrão grupanalítico, fomenta a evolução do processo grupanalítico adentro das dimensões teóricas e técnicas que o enformam”* (p. 111).

Contudo, é de referir que já em 1981 na sua Dissertação para as provas de agregação, intitulada “Experiência Clínica no Tratamento de Estados Neuróticos e Psicóticos com Grupanalise e Psicoterapia Grupanalítica”, Cortesão tinha apresentado esta definição<sup>2</sup>.

Este conceito tem as suas raízes no conceito de *matriz de grupo* (Foulkes, 1964) e conforme Cortesão (1981,1989), o mesmo foi bastante

---

2 A definição do conceito de *matriz grupanalítica*, apresentada na sua Dissertação para as provas de agregação (Cortesão, 1981, CAP II -38) é em tudo igual à apresentada em 1989, exceptuando que termina com a palavra “informam”: “... adentro das dimensões teóricas e técnicas que o informam.” No entanto no seu livro (Cortesão, 1989, p. 111), surge em seu lugar a palavra “enformam”. Esta diferença neste termo não parece alterar substantivamente o significado do conceito.

(3) Esta data refere-se à 2ª ed. da obra de 1957, destes autores: Group Psychotherapy. The Psychoanalytic Approach.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

trabalhado por Foulkes e Anthony (1965) (3) no âmbito da comunicação no grupo. Foulkes (1964) apresentou a seguinte definição de *matriz de grupo*:

“A matriz é a teia hipotética de comunicação e relação num dado grupo. É o terreno partilhado em conjunto que, em última instância determina o sentido e a significação de todos os acontecimentos, e no qual se integram todas as comunicações e interpretações, verbais e não-verbais” (p. 292).

Em Cortesão e Foulkes surgem, assim, diferenças. Enquanto Foulkes considera a matriz, basicamente, como uma rede de relação e comunicação, Cortesão entende a matriz como um local de elaboração, no sentido de perlaboração, como interpreta Guilherme Ferreira (1992) e como o próprio Cortesão (1981, 1989) parece utilizar uma vez que para este os conceitos de *Durcharbeit* ou *working through* e *perlaboração* ou *elaboração terapêutica* têm um significado idêntico. Cortesão introduz também dois outros conceitos fundamentais que são o de *padrão grupanalítico* e o de *processo grupanalítico*. Esta tríade conceptual formada pelos conceitos de *matriz grupanalítica*, *padrão grupanalítico* e *processo grupanalítico* vão constituir uma especificidade da teoria e técnica grupanalítica da Escola Portuguesa. Neste sentido, é de referir que as dimensões teóricas em que assentam estes conceitos (a metapsicologia e a teoria das relações de objecto) e as dimensões técnicas que deles derivam (matriz, padrão, níveis de experiência e de interpretação) são consonantes com o objectivo analítico da instalação e resolução da neurose de transferência grupal. Deste modo existem diferenças que parecem significativas entre os autores, nomeadamente Foulkes tinha uma perspectiva mais orientada para a teoria da comunicação e menos focada na vertente especificamente psicanalítica. Estes aspectos serão abordados mais à frente neste artigo.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

### Matriz de Grupo e Matriz Grupanalítica. Uma revisão sistemática do conceito

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura sobre os conceitos de *matriz*, *matriz de grupo* e *matriz grupanalítica*, nomeadamente tendo-se recorrido às seguintes publicações: *Group Analysis – The International Journal of Group-Analytic Psychotherapy*, da Group-Analytic Society (GAS), *Revista Portuguesa de Grupanalise* da Sociedade Portuguesa de Grupanalise (SPG), *International Journal of Psychoanalysis*, *Journal of Mental Science*; foram também consultados os livros técnicos nesta área publicados pelos autores considerados mais relevantes (segundo os critérios de número de publicações e citações por outros autores e impacto teórico-clínico das publicações nacionais e internacionais) e foram também pesquisados textos específicos da biblioteca da Sociedade Portuguesa de Grupanalise (SPG) As palavras-chave desta prospecção teórica foram *matriz*, *matriz de grupo* e *matriz grupanalítica*, cruzando com os autores E.L. Cortesão, S. H. Foulkes & W. R. Bion.

Segue-se a apresentação de uma tabela (Tabela 1) com o resumo da revisão sistemática efectuada, onde é feita referência a aspectos centrais dos conceitos de *matriz*, *matriz de grupo* e *matriz grupanalítica* e alguns fenómenos da dinâmica grupal relacionada com estes, assim como aos respectivos autores, datas e artigos/livros onde constam estas referências.

**Tabela 1:** Resumo da revisão sistemática

Ano	Autor(es)	Título	Referência a aspectos centrais e contextuais dos conceitos de Matriz, Matriz de Grupo / Matriz Grupanalítica
1926	Burrow	Psychoanalysis in Theory and in Life	Refere a existência de uma <i>matriz ontogénica</i> do desenvolvimento mas também simultaneamente de uma <i>matriz filogenética</i> na qual o sujeito se

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

			desenvolve do ponto de vista social.
1934	Moreno	Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama.	Na análise da estrutura de grupo surge o conceito de <i>sociometric matrix</i> ( <i>matriz sociométrica</i> ) como sendo todas as estruturas sociométricas invisíveis mas que se tornam visíveis através do processo de análise sociométrica.
1946	Forsyth & Katz	A matrix approach to the analysis of sociometric data: preliminary report	Na área da sociometria estes autores apresentaram um método de análise da estrutura relacional de pequenos grupos, baseado na possibilidade do uso do cálculo matemático sobre matrizes sociométricas. Pretendia-se suplantar o sociograma desenvolvido por Moreno.
...1948	Foulkes	<i>Introduction to Group-Analytic Psychotherapy</i>	Não é referido explicitamente o conceito de matriz. É referido o conceito de <i>social network</i> ( <i>rede social</i> ) relacionado com a teoria de Moreno. O indivíduo é fortemente permeável às forças colossais da sociedade.
...1949	Bion	Experiences in groups: IV	Propõe a existência de uma matriz de pensamento que não se limita ao indivíduo mas abrange o grupo como um todo. A ênfase é posta na noção de forças emocionais no grupo como um todo.
1950	Rickman	The factor of number in individual and group dynamics	Utiliza o termo matriz como uma metáfora para descrever uma psicologia de múltiplos indivíduos que abrangesse fenómenos analíticos de grupo para além do modelo freudiano da relação dual.
1951	Bion	Experiences in groups: VII	Elabora o conceito de <i>matriz protomental</i> onde predomina a indiferenciação biológica-psicológica, constituída pela combinação dos estados emocionais básicos (pressupostos básicos de Dependência; Luta e fuga e Acasalamento). Estes estados emocionais vão-se constituir em fenómenos psicológicos do grupo- como- um- todo que caracterizam a mentalidade grupal primitiva.
1951	Ruesh e Bateson	Communication: The Social Matrix of Psychiatry	Consideraram que as doenças mentais se exprimiam através de perturbações nas interacções ou daquilo que denominaram como as matrizes sociais, definidas em termos de estrutura, processo e conteúdo. A comunicação

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

			é a matriz onde estão inscritas as actividades humanas. Remete para as noções de rede e campo social.
1957	Foulkes e Anthony	Group Psychotherapy: The Psychoanalytic Approach	Foulkes caracterizava a matriz como sendo a rede de todos os processos mentais individuais e o meio psicológico no qual se encontram, comunicam e interagem. Rede de grupo ou matriz de grupo surgem como equivalentes. Referem que a matriz social pode ser pensada como uma rede do mesmo modo que o cérebro é uma rede de fibras e células que formam uma unidade complexa. Foulkes preconiza a existência de uma mente de grupo como um processo transpessoal.
1964	Foulkes	<i>Therapeutic Group Analysis</i>	É elaborado extensamente o conceito de matriz de grupo como um todo, dentro da qual todos os processos psíquicos interagem. A matriz é definida como uma "rede comunicacional" ("communicational network") onde se integram todas as comunicações e interpretações verbais e não - verbais.
1967	Cohen, Cortesão, Foulkes, Home, Kaye, Pines & Shadford	Based on the practice and Theory of group analytic psychotherapy	Foulkes considera a <i>matriz</i> como a base operacional de todos os processos mentais. Mostra preocupação em diferenciar os conceitos de rede e matriz. Rede é mais objectiva e matriz mais dinâmica. Pines considera que o conceito está relacionado com o de rede, com a teoria de campo e a sociometria. Cortesão: considera que o conceito não está bem definido, introduz o conceito de <i>padrão</i> . Foulkes discorda do conceito de padrão por considerar que este pode ser enganador, nomeadamente dando demasiado relevo ao grupanalista.
1968	Leal	Transference Neurosis In Group Analytic Treatments	Refere os conceitos de <i>rede interpessoal interna</i> ou <i>matriz pessoal de grupo</i> ou <i>matriz de relacionamento individual</i> . Entende que a matriz de grupo interno de cada membro vai interagir com a matriz de grupo reflectindo-se em diferentes modos de comunicação. Associa este conceito ao fenómeno do espelho.

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

1970	Azevedo e Silva	I Simpósio Europeu de Grupanálise	Considera que a matriz e a rede de comunicações verbais e comportamentais, constituem uma microcultura do grupo, relevando assim esta noção de uma forma mais abrangente.
1971	Leal	A Selection of Good Questions and Some Suggestions Made at the 1 <sup>st</sup> Symposium on Group Analysis(1970)	Foulkes comenta que aceita o conceito de <i>rede interna inter-pessoal</i> ou <i>matriz de relacionamento individual</i> ou <i>matriz pessoal de grupo</i> mas que prefere esta última designação. A matriz pessoal de grupo incluiria a internalização da rede familiar primária e da própria dimensão vertical desta. A matriz de relacionamento individual refere-se mais à rede de relações actuais significativas do indivíduo.
1971	Foulkes	Access to unconscious process in the group analytic group	Desenvolve o conceito de <i>foundation matrix</i> (matriz fundação) como sendo o resultado das experiências e vivências comuns a todos os seres humanos assim como a também na sua parte biológica. Na interacção grupal e nos diferentes níveis de comunicação, constitui-se o que Foulkes designou por <i>dynamic matrix</i> (matriz dinâmica).
1974	Cortêsão	Transference neurosis and the grupanalytic process	Desenvolve o conceito de <i>processo grupanalítico</i> como um processo que integra as dimensões teóricas e técnicas da grupanalise. Vai posteriormente integrar este conceito na definição do conceito de matriz grupanalítica.
1975	Foulkes	Group Analytic Psychotherapy Method and Principles.	Redefine o conceito de rede e refere que a família é o protótipo de rede. Designa por <i>complexus</i> ou <i>plexus</i> a parte íntima da rede e de pontos nodais os elementos que a compõem.
1976	Kaes	L'appareil psychique groupal	Desenvolve o conceito de <i>aparelho psíquico grupal (APG)</i> como uma construção psíquica comum aos membros do grupo. Não desenvolve em termos de matriz.
1980	Bohm	Wholeness and the Implicate Order	Refere que a matéria e a mente são a ordem explícita de uma ordem implícita subjacente, sendo ambas projecções de um processo dinâmico de fundo ou matriz.

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

1981	Cortesão	Experiência Clínica no Tratamento de Estados Neuróticos e Psicóticos com Grupanálise e Psicoterapia Grupalítica (Dissertação para as provas de agregação)	Apresenta o conceito de <i>matriz grupalítica</i> . Entende esta como uma rede de comunicação, relação e elaboração e que através do <i>padrão grupalítico</i> vai desenvolver o <i>processo grupalítico</i> de acordo com as dimensões teóricas e técnicas.
1982	Roberts	Foulkes' Concept of the Matrix	<p>Refere que é um conceito difícil de entender. Menciona vários possíveis significados para o termo matriz como útero ou ovário, um lugar onde algo é criado, produzido ou desenvolvido, um molde no qual algo é fundido ou moldado, entre outros. Sintetiza as várias ideias de Foulkes: " (1) o grupo como uma mãe; (2) como um processo transpessoal; (3) a ideia de redes de relações; (4) o grupo como um todo mais do que a soma das partes; (5) a natureza paradoxal da individualidade.</p> <p>Refere ainda que a validade do conceito de matriz pode ser fortalecida por estudos no campo da física teórica, nomeadamente do comportamento das partículas sub-atómicas e das relações entre energia e matéria.</p>
1989	Cortesão	Grupanálise Teoria e Técnica	A <i>matriz grupalítica</i> é a rede específica de inter-comunicação, inter-relação e interacção a qual pela integração do <i>padrão grupalítico</i> , fomenta a evolução do <i>processo grupalítico</i> . Apresenta seguidamente uma definição mais desenvolvida referindo que, a <i>matriz grupalítica</i> é uma rede específica de comunicação, relação e elaboração. Este aspecto da elaboração constitui um factor específico da teoria e técnica.
1991	Powel	Matrix. Mind and Matter: From the Internal to the Eternal	Concebe a matriz como uma entidade psicofísica, onde espaço e tempo, partícula e onda, mente e matéria, são faces da mesma moeda. Os membros do grupo influenciam-se integralmente mas de forma não linear. Os acontecimentos do universo formam uma matriz no espaço e no tempo estando tudo interligado.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

1991	Cortesão	Group analysis and aesthetic equilibrium	Conceptualiza a elaboração do negativo no grupo e possibilidade de aquisição de um equilíbrio estético. Tem uma visão alargada da dinâmica grupal onde o vai-vem contínuo entre amor e ódio e a sua interpretação e perlaboração, vão permitir a evolução individual e da matriz grupanalítica.
1993	Leal	Aspectos Comunicacionais da Emoção de Transferência	Fala em rede de comunicação múltipla de tratamento grupanalítico que vai proporcionar ao sujeito o uso de uma matriz pré-cognitiva de processamento de informação.
1993	Powel	The Psychophysical Matrix and Group Analysis	Desenvolve as suas ideias acerca da matriz como uma entidade psicofísica. Aborda a física de Newton e Einstein, a entropia e o caos. Tudo se encontra interligado, mente e matéria. As noções de espaço e tempo adquirem outro significado.
1993	Ribeiro	Gestalt-Terapia O Processo Grupal	A matriz é um constructo, um conceito similar a outros conceitos como o de inconsciente social, cultura grupal, atmosfera de grupo e mentalidade de grupo. Como processo a matriz aproxima-se da noção de figura-fundo. A matriz está constantemente em mudança. O sistema de comunicação é a matéria -prima da matriz. No grupo pela interacção múltipla entre os seus membros cria-se uma matriz operacional.
1994	Dinis	Algumas Reflexões a Propósito da Neurose de Transferência em Grupanalise	A matriz é uma rede de comunicação, relação e transacção emocional. Designou de <i>rede pragmática actual do grupo</i> ao conjunto das matrizes inter-relacionais internas activadas pela regressão e que vai originar a matriz de um grupo de grupanalise.
1996	Roberts	The Importance of Foulke's Matrix Concept	Refere que o grupo está para além da relação dual e requer um modelo próprio e transcendente. A matriz de grupo pode proporcionar este modelo. Faz alusão à importância do conceito de anti-grupo preconizado por Nitsun, ou seja as forças destrutivas que surgem no grupo. A matriz de um grupo maturo de grupo-análise, é essencial para a transformação e desenvolvimento pessoal dos seus elementos.

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

1996	Nitsun	The Anti-Group: Destructive forces in the group and their creative potential	Desenvolve o conceito de anti-grupo referindo-se às forças destrutivas que potencialmente existem na matriz. Trata-se de um processo e não de uma entidade fixa no grupo. A dialéctica grupo/anti-grupo gera o novo e a mudança. Refere que a este nível das forças destrutivas no grupo, Bion e Foulkes têm abordagens diferentes.
1999	Kaes	Les Théories psychanalytiques du group	O <i>aparelho psíquico grupal (APG)</i> é um dispositivo de ligação e de transformação de elementos psíquicos de acordo com as contribuições dos seus sujeitos. Não é redutível ao aparelho psíquico individual.
2000	Dinis	Da Comunicação À Interpretação Em Grupanálise	Alude às transacções emocionais que ocorrem na matriz referindo que estas contemplam o que se entende por vínculo na dimensão intersubjectiva.
2001	Stacey	Complexity and The Group Matrix	A matriz de grupo não é definida como uma rede ou um sistema mas como um processo que replica e transforma padrões de narrativa intersubjectiva que vão organizar a experiência de se estar junto. A este nível faz uma analogia com a complexidade das ciências naturais e sua dinâmica.
2003	Fernandes	O Processo Comunicativo Vincular e a Psicanálise dos Vínculos	A organização interna individual é constituída por <i>matrizes vinculares</i> resultantes da introjecção da relação do sujeito com a figura materna. O carácter é constituído por <i>matrizes vinculares</i> , configuradas como fantasias inconscientes. Enquadra-se no âmbito da psicanálise das configurações vinculares
2005	Lavie	The Lost Roots of the Theory of Group Analysis: Taking Interrelational Individuals Seriously!	Para Foulkes em 1969, a <i>matriz de grupo</i> é uma matriz multipessoal uma vez que a mente individual dos membros do grupo em interacção é também uma mente multipessoal. Isto resulta do desenvolvimento do seu conceito de mente.
2009	Pines	The matrix of group analysis. An historical perspective	Elabora um estudo sobre a perspectiva histórica do conceito de matriz no grupo analítico. Refere que Foulkes cria este conceito de acordo com o pensamento europeu da época, na importância dada ao grupo nas diferentes esferas do social.

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

2010	Tubert-Oklander	The Matrix of Despair: From Despair to Desire Through Dialogue	Perspectiva a matriz de uma forma multidimensional. Os fenómenos mentais intrapessoais, interpessoais ou transpessoais têm uma organização matricial. Não existe descontinuidade entre estas embora tenham características específicas.
2010	Thornton	Group and team coaching: the essencial guide.	Reforça a importância da definição de <i>matriz dinâmica</i> preconizada por Foulkes, referido que esta integra tudo o que é consciente, inconsciente, e “não consciente” mas que é implicitamente conhecido e comunicado.
2011	Scholtz	<i>The foundation matrix and the social unconscious</i>	Reforça a importância da noção de <i>foundation matrix</i> que a prefere usar em vez da definição de <i>Inconsciente Social</i> . Este termo implica a oposição entre indivíduo e grupo/sociedade que o próprio Foulkes não concordava.
2011	Nativ		Concebe a matriz como uma entidade invisível, responsável no grupo de que algo esteja para além do evidente. É um fenómeno misterioso e cujos limites são flexíveis. Podem ocorrer um imenso fluxo de ideias e experiências, racionais e irracionais.
2012	Scholtz	The Social Unconscious and the Foundation Matrix – Some Thoughts	Refere que o conceito de <i>Inconsciente Social</i> pode ser “perigoso” uma vez que, entre outros aspectos, pode ser percebido como algo “fixo”, não relevando o processo e as mudanças inerentes a esta dinâmica psicológica.

### As primeiras utilizações da noção de matriz e desenvolvimentos.

O conceito de matriz começou a ser introduzido na psicologia por vários investigadores e clínicos que se dedicaram ao estudo dos pequenos grupos nos finais da década de 1940 e inícios da década de 1950, simultaneamente com a noção de dinâmica de “grupo como-um-todo” de Kurt Lewin (Torres, 2010).

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

No entanto, Freud em 1895 numa definição com alguma proximidade à perspectiva da matriz, mas ainda centrado na mente individual, imagina o ego como uma rede de neurónios catexizados, uns em relação com os outros. Numa perspectiva de grupo, Trigant Burrow já em 1926, fala de uma *matriz ontogénica* do desenvolvimento mas simultaneamente de uma *matriz filogenética* na qual o sujeito se desenvolve do ponto de vista social. Esta perspectiva enquadra-se no pensamento algo pioneiro de Burrow que aliás usa pela primeira vez o termo grupo-análise. Conforme Pertegato (1999), Trigant Burrow teve fortes influências históricas na grupanalise, conceptualizando o Homem como sendo parte de um contínuo da sociedade e não de forma isolada. No contexto da análise da estrutura de grupo, Moreno (1934) refere-se ao conceito de *matriz sociométrica* como sendo todas as estruturas sociométricas invisíveis mas que se tornam visíveis através do processo de análise sociométrica.

Também na área da sociometria, Forsyth & Katz (1946) apresentaram um método de análise inovador da matriz relacional de pequenos grupos, o qual pretendia suplantar sociograma inventado por Moreno, através da possibilidade de usar cálculo matemático sobre as *matrizes sociométricas*.

Os psicanalistas ingleses Wilfred Bion e John Rickman foram influenciados por Kurt Lewin cujas experiências de “campo social” usavam os métodos sociométricos, mas Lewin aparentemente não fez referência à noção de matriz. Bion (1949, p. 303) propôs a existência de uma *matriz de pensamento* que abarca o grupo como um todo e não se limita ao indivíduo, aparentemente sem relação com a matemática da matriz sociométrica mas colocando a tónica na noção de forças emocionais no grupo total. A noção de matriz de Bion, mais tarde, evoluiu para o conceito de *matriz protomental* (Bion, 1951, 1952) composta pela combinação dinâmica de três estados emocionais básicos da espécie humana (Dependência, Luta-fuga e Acasalamento). Também John Rickman (1950), que trabalhava com Bion, usou o termo *matriz* como uma

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

metáfora para descrever uma psicologia de múltiplos indivíduos que pudesse abarcar fenómenos psicanalíticos de grupo para além do modelo Freudiano da relação dual neurótica.

Ruesh & Bateson (1951) consideraram que as doenças mentais se exprimiam, principalmente, através de perturbações nas interacções, ou daquilo que designaram como as *matrizes sociais*. Para estes autores, investigadores na área da comunicação, esta última existe sempre que se verifica uma influência mútua entre as pessoas. A comunicação é assim vista como uma matriz onde estão inscritas todas as actividades humanas, descrevendo processos complexos com uma miríade de parceiros sociais, em diferentes contextos significados e valores, remetendo assim para as noções de *rede (network)* e *campo (field)* sociais.

O conceito de *matriz de grupo* vai seguidamente ser adaptado por Foulkes (1957) para a grupo-análise, dando sobretudo relevo aos aspectos da comunicação, nas suas diferentes dimensões, que ocorrem no grupo. Neste sentido, Foulkes trouxe este conceito do contexto da teoria da comunicação e definiu-o como uma *rede* de relação e comunicação.

Malcom Pines (2009) elaborou um estudo sobre a perspectiva histórica do conceito de matriz no grupo analítico, referindo basicamente que Foulkes cria este conceito num contexto social e pessoal que permitiu esta originalidade, de acordo com o pensamento europeu da época no que respeita à importância do grupo nas diferentes esferas do social. Já em 1948, Foulkes dizia que o indivíduo é fortemente permeável às forças colossais da sociedade que influenciam as suas ideias. Segundo Pines, Foulkes não se referiu propriamente às influências que poderá ter sofrido na sua formação, pelo contexto socio-cultural da época. Referiu-se sim a autores e escolas específicas que o terão

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

influenciado, tais como Trigant Burrow, a psicologia social americana, Eric Erikson, Goldstein, Schilder, Huxley e Norbert Elias.

Foulkes sofreu grande influência de Goldstein no seu trabalho sobre o sistema nervoso e as redes neuronais do cérebro. Neste trabalho os neurónios individuais eram considerados como pontos nodais numa rede complexa de conexões onde passam os impulsos. Daqui se poderá compreender a ênfase dada por Foulkes à matriz de grupo e aos processos de comunicação que se passam na mesma.

Foulkes vai diferenciar, progressivamente, os conceitos de *rede* e *matriz de grupo*, considerando a primeira mais objectiva e a segunda mais dinâmica, encontrando-se assim mais num contexto experiencial e fenomenológico.

Em 1971, desenvolve estes dois conceitos, amplificando-os. Neste sentido introduz o conceito de *foundation matrix*, (*matriz fundação*) como sendo o resultado das experiências, vivências e dos aspectos comuns a todos os seres humanos, também na sua parte biológica. Estes aspectos têm características similares e talvez mesmo traços arcaicos de antigas experiências. Esta matriz de origem catalisa diferentes níveis de comunicação que, na interacção grupal, forma o que Foulkes designou por *dynamic matrix*, (*matriz dinâmica*). Segundo Thornton (2010), a *matriz dinâmica* integra tudo o que é consciente, inconsciente, e “não-consciente” mas que é implicitamente conhecido e comunicado. Ela é “dinâmica”, porque a comunicação no grupo vai sendo progressivamente aprofundada o que vai originar mudanças relacionais. Comparativamente com o conceito de *inconsciente social*, por vezes, usado para se referir os processos psicológicos transpessoais e supra-individuais, Scholtz (2011), releva a importância desta definição de *foundation matrix* e prefere usá-la, ao invés de inconsciente social. Refere que *foundation matrix* é um conceito que reflecte melhor a natureza social do ser humano e que o conceito de

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

inconsciente social implica a oposição entre indivíduo e grupo/sociedade, que o próprio Foulkes tentou ultrapassar, por não concordar com esta dicotomia. Scholtz (2012), expressa a opinião de que este conceito de inconsciente social é mesmo de algum modo “perigoso”, uma vez que tende a ser percebido como “uma coisa”, algo fixa, não enfatizando o processo envolvido e as mudanças inerentes.

Em 1975, Foulkes volta a redefinir o conceito de *rede*, dizendo que a família é o protótipo da *rede*, podendo incluir também pessoas íntimas desta. Denomina de *complexus* ou *plexus* a parte íntima dinâmica da rede e, os membros que a compõem, de pontos nodais.

O conceito de *matriz* foi amplamente objecto de análise e debate, nomeadamente no Workshop sobre Grupalítica iniciado por Foulkes em Londres no ano de 1966. Fizeram parte deste *Workshop*: S. H. Foulkes, V. Cohen, E. L. Cortesão, H. Kaye, M. Pines e F. Shadforth. Em 1967 este *Workshop* encontrou dificuldades e dúvidas quanto a uma definição clara de matriz. Foulkes, por exemplo, mostrou preocupação em diferenciar os conceitos de *rede* e *matriz*, o que viria a tentar fazer de forma mais sistemática em 1971.

Roberts (1982, 1996) elabora uma revisão sobre o conceito de *matriz*. Refere que se trata de um conceito a que é dado muito relevo mas difícil de entender. Na sua revisão menciona alguns significados que o termo matriz pode possuir, como por exemplo: útero ou ovário; lugar onde algo é criado, produzido ou desenvolvido, um molde no qual algo é fundido ou moldado; um conceito da matemática, etc.

Continua este autor referindo que a matriz tem assim uma conotação feminina e um significado frequentemente maternal, é um fundo e um útero ou molde onde as coisas podem ser contidas e desenvolvidas. Através destes

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

significados de matriz, referidos por Roberts, pode-se compreender a razão pela qual Foulkes escolheu este conceito para a grupo-análise.

Em 1957, no trabalho com Anthony, Foulkes caracterizava a matriz como sendo a rede de todos os processos mentais individuais, o meio psicológico no qual se encontram, comunicam e interagem. Foulkes refere que se pode postular a existência de uma mente de grupo à semelhança da existência de uma mente individual. Segundo este, trata-se de um processo transpessoal, não apenas interpessoal. Foulkes compara esta rede transpessoal a um campo magnético, trata-se de um processo que passa através do indivíduo como se fossem raios X. Para Foulkes o grupo precede o individual, a consciência individual só teria aparecido mais tarde no desenvolvimento do ser humano. Este processo é de tal modo importante que, segundo Roberts, Foulkes duvidava mesmo da existência de uma mente individual. Também para Foulkes não existiria um vínculo corpo-mente e esta estaria então localizada no diálogo entre os indivíduos. Em 1948, Foulkes afirmava já que não era sustentável a justaposição entre mundo interno e externo, constituição e meio ambiente, indivíduo e sociedade, fantasia e realidade, corpo e mente, ou seja, que estas vertentes não podem ser vistas separadamente ao não ser de um modo artificial.

Roberts sintetiza assim as várias ideias de Foulkes: “ (1) o grupo como uma mãe; (2) como um processo transpessoal; (3) a ideia de redes de relações; (4) o grupo como um todo mais do que a soma das partes, conduzindo a uma noção abstracta de mente de grupo; (5) a natureza paradoxal da individualidade.” (p.114).

Para Ribeiro (1993), a matriz expressa uma realidade invisível, ainda que actuante, considerando que a mesma é em simultâneo um constructo e um processo. Como constructo, é um conceito similar a outros como o de inconsciente social, cultura grupal, atmosfera de grupo e mentalidade de grupo.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

Como processo, aproxima-se da noção de figura-fundo. A matriz, segundo este autor, está constantemente em mudança, sempre que ingressam elementos novos no grupo, alterando a figura-fundo. Os movimentos internos da matriz são complexos, podendo manifestarem-se ao nível consciente e inconsciente. O sistema de comunicação é a matéria-prima da matriz, e esta é um conceito holístico, onde o grupo é anterior à soma das partes. “ O grupo é como uma rede, como uma teia de aranha, onde cada elemento funciona como um ponto nodal independente, mas interligado, agindo como um subsistema, onde cada um afecta o outro e é afectado pelo conjunto, criando um matriz operacional” (Ribeiro; p.35). Ribeiro faz uma analogia curiosa entre matriz de grupo e uma cidade, referindo que cada indivíduo está para a matriz como uma rua ou avenida estão para a cidade, enquadrando-se esta analogia metafórica na concepção holística do grupo.

Stacey (2001), relativamente à matriz, preconiza uma perspectiva diferente. Refere que a matriz de grupo pode ser definida, não como um sistema ou uma rede, mas algo diferente, um processo que replica continuamente, e potencialmente transforma, padrões de narrativa intersubjectiva, que organizam a experiência de se estar junto. Ninguém de forma isolada consegue organizar a sua própria experiência mas em conjunto os indivíduos criam uma intersubjectividade, um processo contínuo de comunicação e organização pessoal da experiência da relação com o outro.

A este respeito, este autor faz algumas analogias com a complexidade das ciências naturais. Para Stacey, os sistemas complexos podem manifestar-se de três modos distintos: de modo repetitivo e previsível, de modo aleatório e desagregador, ou então de uma forma intermédia, manifestando-se, simultaneamente na estabilidade e instabilidade, e seria assim que o grupo se poderia comportar. Considera que nesta perspectiva, não é necessário conceber um sistema psíquico suprapessoal ou qualquer processo transpessoal. Releva,

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

no entanto, que estes processos ficam incorporados, é uma experiência corporal que marca o indivíduo. Trata-se pois de uma visão bastante diferente da proposta por Foulkes, e neste sentido, a matriz de grupo adquire também uma nova configuração.

Voltando a Roberts, este refere ainda que a validade do conceito de matriz pode ser fortalecida por estudos no campo da física teórica, nomeadamente do comportamento das partículas sub-atómicas e das relações entre energia e matéria. Segundo Bohm (1980) e nesta perspectiva, a ideia é que tanto a matéria como a mente são a ordem explícita de uma ordem implícita subjacente, sendo ambas projecções de um processo dinâmico de fundo ou matriz.

Relativamente a esta abordagem da matriz, Powell (1993;1991), concebe a matriz como uma entidade psicofísica, na perspectiva das novas descobertas da física, onde espaço e tempo, partícula e onda, mente e matéria, são faces da mesma moeda, de uma totalidade que transforma a própria metapsicologia. Os elementos do grupo influenciam-se assim integralmente mas não de forma linear. Os acontecimentos do universo formam uma matriz no espaço e no tempo em que tudo se encontra intimamente ligado.

Roberts (1996) aproxima-se de Nitsun na importância das forças destrutivas que surgem no grupo em relação ao conceito de matriz. Refere que Nitsun reenvia-nos para a dialéctica entre o optimismo de Foulkes e o pessimismo de Bion. É obviamente necessário contemplar as forças destrutivas que irrompem na matriz grupal, reflexo, pelo menos parcialmente, do instinto de morte. Roberts sintetiza as suas ideias referindo que a matriz de um grupo maturo de grupo-análise, é essencial para a transformação e desenvolvimento pessoal dos seus elementos.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

Com aspectos similares ao conceito de matriz de grupo existem outras contribuições teóricas como mentalidade de grupo e matriz protomental (Bion), inconsciente de grupo (Anzieu), aparelho psíquico grupal (Kaes), campo grupal (Zimmerman), e talvez de uma forma mais alargada, o inconsciente social (Hopper e Weinberg), entre outros.

Dada a proximidade temporal e contextual onde as teorias de grupo de Foulkes e Bion se originaram (a reabilitação psiquiátrica militar no Reino Unido durante a segunda guerra mundial), e também a comunidade das influências onde os dois corpos teóricos se desenvolveram conceptualmente (ambos os autores foram membros da sociedade britânica de psicanálise), e dado ainda que vários autores proeminentes (Malcolm Pines, Robert Hinshelwood, Morris Nitsun, Dennis Brown, entre outros) elaboraram aprofundadamente sobre as relações conceptuais e clínicas de Bion e Foulkes, torna-se assim prioritário a comparação e diferenciação conceptual entre as ideias de Foulkes, e Cortesão com as de Bion.

Bion trabalhava o grupo como um todo, expressão usada por Lewin no contexto da sua Teoria de Campo no que respeita ao campo de forças psicossociais existente no grupo. Bion interpretava o grupo e não o paciente em si, achava que era o próprio grupo que iria reabilitar o indivíduo. Foulkes partilhava em grande medida desta percepção embora relevasse também a importância da intervenção do terapeuta no indivíduo. Tanto Foulkes como Bion foram bastante influenciados pela psicologia da Gestalt de Kurt Lewin, mormente no que respeita à concepção do grupo como um todo e ao fenómeno da alternância figura-fundo. A relação entre o indivíduo e a matriz encontra-se associada à relação figura-fundo e corresponde à dinâmica grupal. A sociologia teve também influência nestes dois autores embora de modo diferente. Foulkes demonstrou um interesse muito significativo no trabalho do sociólogo Norbert Elias e Bion, apesar de parecer não mostrar um interesse muito particular na

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

sociologia, esteve bastante influenciado tanto por Wilfred Trotter como por John por Rickman (que aliás tinha sido seu analista) que se interessava pelas ciências sociais e estudos neste âmbito.

Bion trabalhou com Rickman em 1942, em Northfield, com grupos de soldados e numa perspectiva de reabilitação para a vida militar. Para Hinshelwood (1999), Foulkes trabalhou em Northfield numa perspectiva mais clínica, ou seja, com objectivos claramente mais terapêuticos, não tanto numa perspectiva basicamente militar. Este autor refere mesmo que se poderá falar dessa altura, de um certo choque entre o regime militar e o regime psiquiátrico hospitalar.

Para Bion (1950) existe um sistema protomental ou uma matriz protomental em que predomina a indiferenciação biológica-psicológica, e da qual surgem os fenómenos emocionais básicos que se constituem em fenómenos psicológicos de grupo-como-um-todo (group-as-a-whole) que caracterizam a mentalidade grupal primitiva. Segundo Fernandes (2003), Bion propõe que a investigação do terapeuta se efectue nas etapas protomentais das suposições básicas (ou pressupostos básicos) assim como na relação dos sujeitos com uma dada suposição ou pressuposto básico.

Fernandes (2003) refere ainda que a mentalidade grupal, conceito apresentado por Bion, parece ter uma natureza onírico-mítica, na medida em a comunicação inerente aos supostos (pressupostos) básicos, assim como nos mitos, tem um carácter colectivo e anónimo.

Nitsun (1996) considera que o conceito de matriz de Foulkes, sendo geral e idealizado, torna difícil a identificação dos elementos de transformação e de como o processo ocorre. É necessário analisá-los mais detalhadamente e de uma forma mais sistematizada. Quando aborda o seu interessante conceito de *anti-grupo*, ao referir-se às forças destrutivas que potencialmente existem na

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

matriz, entende que Bion, nomeadamente na sua conceptualização dos pressupostos básicos, preconiza de facto, também, a existência deste *anti-grupo* e desenvolve toda uma ideia de que o grupo além dos factores de crescimento que proporciona tem uma agressividade/destrutividade inerente que pode ser canalizada de diferentes modos.

Para Nitsun (1996), o *anti-grupo* é um processo que surge usualmente nos grupos e ao qual o analista tem que estar constantemente atento. Caracteriza-se, sumariamente, por ser um processo e não propriamente uma entidade fixa no grupo; este processo varia de grupo para grupo; está latente em múltiplas formas; expressa-se através do indivíduo, subgrupos e no grupo como um todo; manifesta-se na agressividade/agressão dentro do grupo e contra o grupo e deriva das características individuais e grupais.

Por exemplo, certas dificuldades de comunicação que surgem na matriz podem ser a expressão do *anti-grupo*. Podem manifestar-se a um nível individual, em vários indivíduos ou no grupo como um todo. Também uma maciça identificação projectiva pode cumprir esta função. No entanto, também é na matriz do grupo que ocorrem os processos de transformação e onde a dialéctica grupo-antigrupo origina o novo e a mudança.

Também dentro deste contexto, Cortesão (1991), tinha já conceptualizado anteriormente a elaboração do negativo no grupo e conseqüente possibilidade de aquisição de um equilíbrio estético, resultante de uma visão plena da dinâmica do grupo analítico, nos seus aspectos construtivos e negativos. Para Cortesão o ódio não visa somente a destruição do objecto, a hostilidade, a aversão e o ódio, são factores que contribuem para a estruturação do objecto como Não-Eu. Deste modo a estrutura e função do objecto vão ser dinamizadas quer pelo ódio quer pelo amor. E é este vai-vem contínuo do amor e do ódio e a sua interpretação e *working through* que conduzem à evolução individual e da

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

matriz grupanalítica. Assim, para Cortesão, o indivíduo poderá ficar então mais capacitado para lidar com os espaços de ilusão e desilusão, desenvolvendo a sua criatividade.

Talvez aqui, em relação a este aspecto da importância dada à emergência da agressividade no grupo, sua conceptualização e possíveis consequências, se possa também dizer que Cortesão, de algum modo, se encontra numa posição teórica intermédia, ou mais integrativa, entre Foulkes e Bion.

### **As divergências entre Foulkes e Cortesão**

No *Workshop* de Londres, em 1967, Cortesão debateu o conceito de matriz referindo que “parece faltar uma definição precisa” (p. 32). Considerou que a definição de matriz de Foulkes era insuficiente e não explicativa para uma teoria da técnica grupanalítica. Tentou clarificar este conceito e revesti-lo de um cariz analítico específico, com a introdução de outros conceitos tais como o de *padrão*, desenvolvido neste *Workshop* e o de *processo grupanalítico*, definido posteriormente em 1974. Estes contribuem de forma específica para que o conceito de *matriz grupanalítica* condense, provavelmente, a própria identidade da teoria e técnica grupanalítica. O conceito de *padrão*, nomeadamente, foi sendo objecto de discussão e não é aceite por outras escolas de psicoterapia analítica de grupo ou de grupo-análise, como, por exemplo, a Escola Inglesa. Foulkes (1967) considerou a palavra *padrão* (*pattern*) como podendo ser enganadora, nomeadamente dando um papel demasiado relevante e padronizado ao grupanalista face ao grupo e referiu ser necessário procurar outra designação. Segundo Ferreira (1992), Foulkes entendia o papel do

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

terapeuta sobretudo como um catalisador dos processos que têm lugar na matriz, enquanto Cortesão relevou o conceito de padrão grupanalítico, colocando assim o grupanalista numa posição mais central. Cortesão considerou que este conceito assim como o de *processo grupanalítico* transmitiam uma vertente especificamente mais psicanalítica à grupanalise.

Como referido anteriormente, Foulkes evidencia o treino do Ego em acção como processo terapêutico que ocorre na matriz mas a este nível Cortesão tem uma perspectiva diferente. De facto ao contrário da Escola Inglesa, que não postula a elaboração da neurose de transferência, Cortesão dá importância, no tratamento grupanalítico, à perelaboração da mesma, através da acção do *padrão grupanalítico* na *matriz*, visando a individualização dos selves.

Cortesão abordou a *matriz grupanalítica* na dimensão fenomenológica, dinâmica e mais especificamente psicanalítica. As suas conceptualizações permitiram integrar conceitos da teoria psicanalítica com outros da teoria da Gestalt, ainda com alguns ligados à teoria de campo de Kurt Lewin, aos conceitos organísmicos de Goldstein e à teoria Geral dos Sistemas, reflectindo-se na sua conceptualização de *matriz*, uma vez que permitia explicar como a alternância figura e fundo que emerge dos diversos tipos de comunicação, condiciona e estimula esta própria comunicação e o processo de evolução do grupo analítico.

De relevar, no entanto, que a perspectiva psicanalítica aplicada ao grupo é aqui reforçada por este autor, dando primazia a este aspecto, que emerge, nomeadamente, na sua conceptualização de matriz grupanalítica.

### **Outras contribuições mais específicas de autores portugueses**

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

Relativamente à definição de matriz, Dinis (2000) já a tinha considerado em 1994 “como rede de comunicação, relação e transacção emocional.” (p. 26). Posteriormente acrescenta “que lhe parece que estas transacções emocionais contemplam no essencial o que se entende por vínculo, na dimensão intersubjectiva, enquanto estruturas agregando pessoas” (p.26).

Mas o conceito de matriz tem também sido conceptualizado ao nível interno ou intra-psíquico. A este respeito Rita Leal refere os conceitos de *rede interpessoal interna* ou *matriz pessoal de grupo* ou *matriz de relacionamento individual* (Leal, 1968, 1994, 1997). Esta autora considera que, ao longo do seu desenvolvimento o sujeito vai estruturando esta matriz interna a partir das múltiplas vivências relacionais, desde a relação primária com a mãe até à vivência em outros grupos.

Para Leal, a perturbação psicológica do indivíduo pode ser descrita, do ponto de vista evolutivo, em termos da sua localização nas relações de grupo e surgir assim no presente, de forma repetida, na forma de perturbação da comunicação de grupo. Releva também que as vivências têm no indivíduo uma determinada ressonância, reflexo das experiências familiares e relacionais da infância.

Foulkes (1971), comentando estas conceptualizações de Rita Leal, refere que aceita plenamente o conceito de rede interna inter-pessoal, ou matriz de relacionamento individual ou matriz pessoal de grupo, mas que prefere esta última designação. Assim, a matriz pessoal de grupo incluiria a internalização da rede familiar primária, inclusive a dimensão vertical desta. Por outro lado entende que a matriz de relacionamento individual se refere mais à rede de relações actuais significativas do sujeito.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

Dinis (1994) chamou ao conjunto das matrizes inter-relacionais internas activadas pela regressão de *rede pragmática actual do grupo*, a qual origina a matriz de um grupo de grupanalise e onde pulsa a neurose de transferência.

Marques (2011), entende que a matriz grupanalítica à luz do paradigma vincular pode ser vista como uma matriz plurivincular grupanalítica, ou seja, uma rede dinâmica de interacções entre os elementos do grupo, rede esta constituída pelos vínculos intrapessoais (intrapésíquicos) e interpessoais, estes últimos considerando a ligação aos objectos externos.

Numa perspectiva mais ampla integrando o conceito de matriz, Azevedo e Silva (1970) relevou o grupo grupo-analítico (com a *matriz*, rede de comunicações verbais e comportamentais) como uma *microcultura*. Afirmou que as culturas dos povos são construções complexas onde intervêm factores de ordem racional, mágico-religiosos e outros, integrando ainda projecções inconscientes dos indivíduos que reflectem a dinâmica das instâncias psíquicas. No grupo analítico pelas comunicações e comportamentos dos seus membros, vai emergir uma espécie de cultura de grupo, integrando factores racionais e lógicos, imbrincados em factores inconscientes e mágicos. Todos estes aspectos representam uma forma de apropriação da realidade exterior e da realidade interna. Para Azevedo e Silva esta microcultura do grupo é específica de cada grupo, para além de traços universais que a integram. Este autor parece considerar assim que o conceito de *microcultura do grupo* é mais abrangente e significativo que apenas o de *matriz*.

### **Outras contribuições mais recentes.**

Fernandes (2003) por sua vez, e no contexto da psicanálise das configurações vinculares ou psicanálise vincular, recorda que a organização

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

interna individual é formada por *matrizes vinculares*, resultantes da introjecção da relação do sujeito com a figura materna.

Segundo Fernandes, o bebé introjecta as estruturas vinculares a partir do mundo externo, inicialmente com os pais, passando a conservá-las como padrão, e a matriz vincular básica será a matriz edipiana. Refere ainda que o carácter é então constituído pelas matrizes vinculares, configuradas como fantasias inconscientes.

Na dinâmica grupalítica os vínculos presentes na matriz são activados e aparecem nos diferentes tipos de comunicação, nomeadamente a verbal e não-verbal.

Ao longo da grupalítica e a par com a evolução do analisando vão-se reformulando certas configurações vinculares, dando lugar a vínculos mais elaborados no plano genital e predominando a diferenciação do Self.

Tubert-Oklander (2010) refere-se também à definição de matriz perspectivando-a de uma forma multidimensional. Para este autor todos os fenómenos mentais quer sejam intrapessoais, interpessoais ou transpessoais, têm uma organização matricial. A personalidade é ela própria uma matriz aberta pelo que não existe uma descontinuidade entre esta e as matrizes interpessoais, grupais, institucionais e sociais, ainda que cada uma destas tenha características específicas. Todos os pensamentos, comportamentos e experiências, inscrevem-se nestas redes nas quais o ser humano está inserido. Para Tubert-Oklander a situação analítica, individual ou de grupo, é como que um condensador destes processos permitindo observar a sua natureza.

Nativ (2011) entende a matriz como uma entidade invisível, responsável no grupo de que algo esteja para além do evidente. É um fenómeno misterioso e cujos limites são flexíveis. Na matriz desenvolve-se um fluxo de ideias e experiências, racionais e irracionais e onde estão presentes, segundo este autor,

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

as dimensões daquilo que é evidente, secreto e misterioso. Trata-se de uma abordagem que desconstrói uma potencial objectividade da definição de matriz mas que simultaneamente a coloca no cerne da dinâmica grupanalítica.

De acordo com Pisani (2010) mais recentemente a atenção de Malcom Pines tem-se também orientado para a relação entre a neurobiologia e a grupanalise, nomeadamente para a importância dos neurónios espelho que constituem um fundamento neurobiológico para o fenómeno de espelho no grupo. Este processo encontra-se claramente associado ao fenómeno da ressonância. Estes aspectos poderão constituir também contributos importantes para a compreensão da organização e funcionamento da matriz de um grupo

### **A título de reflexão conclusiva**

Os conceitos de *matriz de grupo* e de *matriz grupanalítica* têm sido abordados por diversos autores e são usualmente considerados centrais na referência à teoria analítica de grupo e grupanalise.

No entanto o conceito de *matriz* tem sido perspectivado em diferentes dimensões e aparece frequentemente em diferentes contextos. Assim tem sido equacionado na perspectiva de grupo mas também individual, como uma estrutura ou organização interna ao individuo. Como foi referido, o próprio conceito de mente individual poderá ter limites pouco definidos e deste modo a definição de matriz estende-se do individuo ao grupo.

A evolução do conceito de *matriz de grupo/grupanalítica* não tem sido contínua. Cada autor perspectiva-a de acordo com os seus paradigmas de referência e experiência clínica, podendo-se considerar que as diferentes definições e aportes não se excluem e até se poderão em alguns casos

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

complementar. O uso do termo matriz na psicoterapia de grupo, e no contexto histórico da década de 1940, 1950 e 1960, poderá provavelmente ter tido origem nas matrizes sociométricas usadas para avaliar a estrutura relacional de pequenos grupos, tendo sido conjugado com a abordagem do grupo como um todo de Lewin, com o conceito de *rede (network)* e com a teoria da comunicação de Ruesh e Bateson. O conceito de *matriz* expressa assim eminentemente um nível de complexidade de fenómenos grupais ou micro-sociológicos. A sua conjugação com a ideia de redes neuronais de Freud e Goldstein, com a metapsicologia e a abordagem psicanalítica em geral conferiu-lhe uma dimensão psicossocial psicanalítica extremamente complexa e problemática, que tenta descrever a interacção entre o nível grupal e os fenómenos individuais intrapsíquicos inconscientes. Neste âmbito o conceito de matriz na grupanalise assumiu uma característica menos observável por dados empíricos e rica em metáforas simbólicas que tentam descrever a experiência relacional fenomenológica e intrapsíquica.

O conceito de *matriz grupanalítica*, proposto por Cortesão, emerge como uma conceito bastante amplo que integra em si outros conceitos como o de *padrão* e *processo grupanalítico*, definindo uma forma específica de entender a teoria e técnica grupanalítica e os próprios objectivos grupanalíticos.

Na revisão efectuada na literatura existente o conceito de *matriz grupanalítica*, elaborado por Cortesão, parece ser globalmente aceite pelos grupanalistas portugueses (pelo menos de uma forma explícita não é propriamente contestado) e algumas referências que são feitas ao conceito de matriz vão no sentido de acentuar a sua importância e/ou introduzir novas versões ou aportes a este, ou ainda integrá-lo numa concepção mais abrangente.

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

**Bibliografia**

- Bion WR (1949) Experiences in groups: IV. *Human Relations* 2: 295-303
- Bion WR (1950) Experiences in Groups: VI.in W.R. Bion (1961). *Experiences in Groups and Other Papers*. London: Routledge, pp.115-126.
- Bion WR (1951) Experiences in Groups: VII.in W.R. Bion (1961). *Experiences in Groups and Other Papers*. London: Routledge, pp. 127-137.
- Bohm D (1980). Wholeness and the Implicate Order. London. Routledge and Kegan Paul.
- Burrow T (1926). Psychoanalysis in Theory and in Life. *The Journal of Nervous and Mental Disease* 64: 209-24.
- Cortesão EL (1989). *Grupanálise: Teoria e técnica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cortesão EL (1991). Group analysis and aesthetic equilibrium. *Group Analysis*, 24: 271-277.
- Dinis CV (1994). Algumas reflexões a propósito da neurose de transferência em grupanalise. *Revista Portuguesa de Grupanálise* 5: 7-18.
- Dinis CV (2000). Da comunicação à interpretação em grupanalise. *Revista Portuguesa de Grupanálise* 2: 23-30.
- Dreher AU (2000). *Foundations for conceptual research in psychoanalysis*. London: Karnac.
- Dreher AU (2007). Pluralismo na teoria e na pesquisa: e agora? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42: 131-153.

## Matriz Grupalítica: Introdução a uma investigação conceptual

- Fernandes W (2003). O processo comunicativo vincular e a psicanálise dos vínculos. In Fernandes WJ, Svartman B, Fernandes B & Colaboradores, *Grupos e configurações vinculares*, pp. 43-55. Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira AG (2005). Matriz Grupalítica. *Revista Portuguesa de Grupalítica 2005*, 45-56.
- Ferro S (2010). A identidade grupalítica em questão. *Revista Portuguesa de Grupalítica 2010*, 11-20.
- Foulkes SH (1948). *Introduction to Group-Analytic Psychotherapy*. London: Heinemann.
- Foulkes SH (1964/2002). *Therapeutic group analysis*. London: Karnac.
- Foulkes SH (1971). Access to unconscious process in the group analytic group. *Group Analysis*, 4: 4-14.
- Foulkes SH (1971). The group as a matrix of the individual's mental life. In E. Foulkes & S. H. Foulkes (Eds.), *Selected Papers*, pp. 223-233. London: Karnac.
- Foulkes SH (1975/1986). *Group Analytic Psychotherapy Method and Principles*. London: Karnac.
- Foulkes SH & Anthony EJ (1957). *Group psychotherapy: The psychoanalytic approach*, London: Penguin Books.
- Freud S (1895). *Project for a Scientific Psychology*. Standard Editions, Vol.1. London: Hogarth Press, 1966.
- Group Analysis (1967). Section IV – Group Analytic Digest, *Group Analysis*, 1: 31-36.
- Forsyth E & Katz L (1946). A matrix approach to the analysis of sociometric data: preliminary report. *Sociometry*: 9340-9349.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

- Hinshelwood R (2008). Repression and splitting: towards a method of conceptual comparison. *International Journal of Psychoanalysis* 89: 503-521.
- Leal R (1968). Transference Neurosis in Group Analytic Treatments. *Group Analysis*, 1: 99-109.
- Leal R (1997). *A grupanálise: Processo dinâmico de aprendizagem*. Lisboa: Fim de Século.
- Leal R (1971). A Selection of Good Questions and Some Suggestions Made at the 1<sup>st</sup> Symposium on Group Analysis, Estoril, September, 1970. *Group Analysis*, 4: 54-60.
- Leal R (1994). *Grupanálise: Um percurso. 1963–1993*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Grupanálise.
- Leuzinger-Bohleber M & Fischmann T (2006). What is Conceptual Research in Psychoanalysis? *International Journal of Psychoanalysis*, 87: 1355-1386.
- Lavie J (2005). The Lost Roots of the Theory of Group Analysis: Taking Interrelational Individuals Seriously! *Group Analysis*, 38: 519-535.
- Marques P (2011). Ser ou Não Ser (Grupanalista), Eis a Resposta. *Revista Portuguesa de Grupanálise 2010*, 91-98.
- Moreno JL (1934). *Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama*. New York: Beacon House.
- Nativ G (2011). The Evident, the Secretive and the Mysterious in Analytic Group Psychotherapy. *Group Analysis*, 44: 408-420.
- Nitsun M (1996). *The anti-group: Destructive forces in the group and their creative potential* London: Routledge.
- Oklander-Tubert (2010). The Matrix of Despair: From Despair to Desire Through Dialogue. *Group Analysis*, 43: 127-140.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

- Pertegato EG (1999). Trigrant Burrow and Unearthing The Origin of Group Analysis. *Group Analysis*, 32: 269-284.
- Pines M (2009). The matrix of group analysis. An historical perspective. *Group Analysis*, 42: 5-15.
- Pisani RA (2010). Malcom Pines` Contribution to Group Analysis. *Group Analysis*, 43: 328-343.
- Powel A (1991). Matrix, Mind and Matter: From the Internal to the Eternal. *Group Analysis*, 24: 299-322.
- Powel A (1993). The Psychophysical Matrix and Group Analysis. *Group Analysis*, 26: 449-468.
- Ribeiro P (1993). Gestalt-Terapia- O Processo Grupal. São Paulo. Summus Editorial Ltda.
- Rickman J (1950) The factor of number in individual and group dynamics. *Journal of Mental Science* 96: 770-773.
- Roberts JP (1982). Foulkes` Concept of Matrix. *Group Analysis*, 15: 111-126.
- Roberts JP (1996). The Importance of Foulke`s Matrix Concept. *Psychomedia*.
- Ruesch J & Bateson G (1951). *Communication: the social matrix of psychiatry*. New York. Norton.
- Sandler J (1983). Reflections on some relations between psychoanalytic concepts and psychoanalytic practice. *International Journal of Psycho-Analysis*, 64: 35-45.
- Sandler J, Dreher AU & Drews S (1991). An approach to conceptual research in psychoanalysis illustrated by a consideration of psychic trauma. *The International Review of Psycho-Analysis*, 18: 133-141.

## Matriz Grupanalítica: Introdução a uma investigação conceptual

- Scholz R (2011). The foundation matrix and the social unconscious. In E. Hopper and H. Weinberg (Eds.), *The social unconscious in persons, groups, and societies*, pp. 265–285. London: Karnac.
- Scholz R (2012). The Social Unconscious and the Foundation Matrix – Some Thoughts. *Group Analytic Contexts 2012*: 27-28.
- Stacey R (2001). Complexity and The Group Matrix. *Group Analysis*, 34: 221-239.
- Thornton C (2010). *Group and team coaching: The essential guide*. London, Routledge.
- Torres N (2010). Protomentality. In Morgan-Jones R (Ed.), *The Body of the Organisation and its Health*, pp 53-79. London: Karnac.
- Weinberg H (2007). So What is this Social Unconscious Anyway?. *Group Analysis*, 40: 307-322.
- Zimmerman D (2000) *Fundamentos Básicos das Grupoterapias*. Porto Alegre: Arned.

### ABSTRACT

This article is part of an investigation that the first author is doing under his PhD in Clinical Psychology. This is a conceptual investigation about the concept of *group-analytic matrix*, used in the designated Group-Analytic Portuguese School. The author exposes an evolutionary perspective, allusion to various conceptualizations, of the concept of *matrix group* Foulkes and *matrix protomental* group in Bion. It will be present the conceptual outline of the research and a systematic review of the concept of *matrix group* and *group analytic matrix*, as well as some preliminary data of this review.

**Key-words:** Group-Analytic Matrix, Group Matrix, Group-Analysis, Conceptual Research, Systematic Review